

Zygmunt Bauman  
Peter Haffner

# **ESTRANHO FAMILIAR**

Conversas sobre o mundo em que vivemos

*Tradução:*  
Pedro Maia Soares



Deus (inexistente)

### **8. Utopia e história**

Viagem no tempo: Onde está "o além" hoje?

### **9. Presente e futuro**

Lixo humano: Quem são as bruxas da sociedade moderna?

### **10. Felicidade e moral**

A vida boa: O que significa tirar os sapatos que estão apertados demais?

*Notas*

*Sobre o autor*

*Créditos*

## • Prefácio •

Quando visitei Zygmunt Bauman pela primeira vez, fiquei espantado com o que parecia uma contradição entre a pessoa e sua obra. Aquele que era provavelmente o mais influente sociólogo europeu, alguém cuja raiva em relação à condição do mundo se fazia sentir em cada linha que escrevia, encantou-me com a ironia de seu senso de humor. Seu charme era cativante, sua *joie de vivre*, contagiante.

Depois de se aposentar da Universidade de Leeds em 1990, Zygmunt Bauman publicou livro após livro num ritmo quase assustador. Os temas dessas obras vão da intimidade à globalização, dos reality shows ao Holocausto, do consumismo ao ciberespaço. Ele foi chamado de “chefe do movimento antiglobalização”, “líder do movimento Occupy” e “profeta da pós-modernidade”. É lido em todo o mundo e considerado um estudioso verdadeiramente excepcional no campo das humanidades, cuja fragmentação em áreas de pesquisa separadas, delineadas com nitidez e protegidas com zelo ele ignorou com a curiosidade insaciável de um homem do Renascimento. Suas reflexões não distinguem entre o político e o pessoal. Por que perdemos a capacidade de amar, por que achamos difícil fazer julgamentos morais? Ele investiga os aspectos sociais e pessoais dessas questões com o mesmo rigor.

Foi essa visão épica do mundo que me fascinou quando comecei a ler seus livros. É impossível ficar indiferente ao que Zygmunt Bauman

escreve, mesmo que não se concorde com uma ou outra das afirmações que ele faz — ou, na verdade, mesmo que se discorde dele completamente. Quem se envolve em sua obra sai dela vendo o mundo e a si mesmo de forma diferente. Zygmunt Bauman descreveu sua tarefa como a de tornar o familiar estranho e o estranho familiar. Isso, disse ele, é o trabalho da sociologia em si.

A tarefa só pode ser realizada por alguém que tem em vista o ser humano como um todo e que vai além de sua disciplina particular, adentrando a filosofia, psicologia, antropologia, história, arte e literatura. Zygmunt Bauman não gosta de minúcias, análises estatísticas, pesquisas, números, fatos ou projeções. Ele pinta seus quadros com um pincel largo numa tela grande, elabora afirmações, introduz novas teses nas discussões e provoca disputas. Nos termos da famosa tipologia de pensadores e escritores criada por Isaiah Berlin — baseada no ditado do poeta grego Arquíloco, que declara que “a raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe *uma única* grande coisa” —, Zygmunt Bauman é ao mesmo tempo ouriço e raposa.<sup>1</sup> Ele introduziu o conceito de “modernidade líquida” para descrever nossos tempos atuais, em que todos os aspectos da vida — amor, amizade, trabalho, lazer, família, comunidade, sociedade, religião, política e poder — se transformam numa velocidade sem precedentes. “Minha vida é gasta reciclando informações”, disse ele certa vez. Isso parece modesto, até que se veja a quantidade de material envolvido.

Numa época marcada pelo medo e pela insegurança, em que muitas pessoas se deixam levar pelas soluções simples oferecidas pelo populismo, mais do que nunca é necessária uma análise crítica dos problemas e contradições da sociedade e do mundo. Essa análise é uma condição essencial se quisermos ser capazes de pensar em alternativas, mesmo que não sejam de fácil acesso. Zygmunt Bauman, ex-comunista, nunca deixou de acreditar na possibilidade de uma

sociedade melhor, apesar de todos os sonhos que fracassaram. Seu interesse nunca esteve nos vencedores, mas nos perdedores, nos desarraigados e privados de direitos, no número crescente de desprivilegiados — não só pessoas negras pobres do Sul global, mas também membros da força de trabalho ocidental. O medo de que o solo, que parecia sólido como uma rocha durante os bons e velhos anos do pós-guerra, esteja cedendo é hoje um fenômeno mundial, e as classes médias não são poupadas. Em um clima que pede que aceitemos os fatos e entendamos o mundo, a exemplo de Leibniz, como o melhor de todos os mundos possíveis, Zygmunt Bauman defende o momento da utopia, não como projeto para algum futuro castelo no ar, mas como incentivo para melhorar as condições em que vivemos aqui e agora.

Zygmunt Bauman me acolheu em sua casa em Leeds, Inglaterra, para quatro longas conversas sobre a obra de sua vida. O encantador jardim da frente, com suas cadeiras forradas de musgo e a mesa coberta de arbustos, fica à beira de uma estrada movimentada, como se quisesse ilustrar que só através da contradição as coisas se mostram totalmente claras. Aos noventa anos, Zygmunt Bauman era um homem alto, esguio e tão animado e perspicaz como sempre. Acompanhava suas ponderações com ampla gesticulação, como se fosse um maestro; para enfatizar uma afirmação, batia com o punho no braço da cadeira. Ao falar sobre a perspectiva da morte, fazia-o com a compostura de quem — como soldado da Segunda Guerra Mundial, judeu polonês, refugiado na Rússia soviética e vítima do expurgo antissemita da Polônia em 1968 — experimentou em primeira mão o lado escuro da “modernidade líquida” da qual se tornara o teórico.

A cada encontro, a mesa de centro estava abarrotada de croissants, biscoitos, canapés, tortas de frutas, bolos e mousse de caranguejo,

acompanhados de bebidas quentes e frias, sucos e *kompot* polonesa. Enquanto compartilhava seus pensamentos comigo, meu anfitrião também não deixava de me lembrar que eu me servisse de todas as delícias postas diante de mim.

Zygmunt Bauman falou sobre a vida e as tentativas de moldá-la que são sistematicamente frustradas pelo destino; falou também sobre o esforço de, em meio a tudo isso, continuar a ser alguém que possa se olhar no espelho. Sua esperança, disse ele, segurando minhas duas mãos ao se despedir, era de que eu vivesse para ser tão velho quanto ele, porque cada idade, apesar de todas as suas tribulações, tem sua beleza.

Zygmunt Bauman morreu em 9 de janeiro de 2017 em sua casa, em Leeds.

Essas conversas finais com Bauman, espero, serão retomadas e continuadas pelo leitor com outras pessoas e em outros lugares.

PETER HAFFNER,  
*janeiro de 2017<sup>2</sup>*

## Amor e gênero

A escolha de um parceiro: Por que estamos perdendo a capacidade de amar

**PETER HAFFNER:** Começemos com a coisa mais importante: o amor. Você diz que estamos perdendo a capacidade de amar. O que o leva a essa conclusão?

**ZYGMUNT BAUMAN:** A tendência de buscar parceiros na internet segue a tendência de comprar pela internet. Eu mesmo não gosto de ir às lojas; a maioria das coisas, como livros, filmes, roupas, compro on-line. Se você quer um casaco novo, o site da loja on-line mostra um catálogo. Se você está procurando um novo parceiro, o site de namoro também mostra um catálogo. O padrão de relacionamento entre cliente e mercadoria se torna o padrão de relacionamento entre seres humanos.

**PH:** Como isso é diferente de outros tempos, quando você conhecia seu futuro companheiro de vida na festa do vilarejo ou, se morava na cidade, num baile? Havia preferências pessoais envolvidas nisso também, não é?

**ZB:** Para os indivíduos tímidos, a internet de fato é útil. Eles não precisam ter medo de enrubescer quando se aproximam de uma mulher. É mais fácil para eles estabelecer uma conexão, ficam menos inibidos. Mas o namoro on-line implica tentar definir as

características do parceiro de acordo com seus próprios desejos. Ele ou ela é escolhido de acordo com a cor do cabelo, a altura, a constituição física, a medida do busto, a idade e os interesses, hobbies, preferências e aversões. Isso se baseia na ideia de que o objeto do amor pode ser montado a partir de uma série de propriedades físicas e sociais mensuráveis. Perdemos de vista o fator decisivo: a pessoa humana.

**PH:** Mas mesmo quando definimos nosso “tipo” dessa forma, não muda tudo assim que encontramos a pessoa concreta? Afinal, essa pessoa é muito mais do que a soma de suas propriedades externas.

**ZB:** O perigo é que a forma das relações humanas assuma a forma da relação que se tem com os objetos de uso diário. Eu não juro ser fiel a uma cadeira — por que devo jurar que vou mantê-la como minha cadeira até o dia da minha morte? Se não gosto mais dela, compro uma nova. Não é um processo consciente, mas aprendemos a ver o mundo e os seres humanos dessa maneira. O que acontece quando encontramos alguém que é mais atraente? É como o caso da boneca Barbie: assim que uma nova versão chega ao mercado, a antiga é trocada por ela.

**PH:** Você quer dizer que nos separamos prematuramente?

**ZB:** Entramos num relacionamento porque esperamos tirar satisfação dele. Se acharmos que outra pessoa nos dará mais satisfação, encerramos o relacionamento atual e começamos um novo. O início de um relacionamento requer um acordo entre duas pessoas; para terminá-lo, basta apenas uma pessoa. Isso significa que ambos os parceiros vivem com medo constante de serem abandonados, de serem descartados como um casaco que saiu de moda.

**PH:** Bem, isso faz parte da natureza de qualquer acordo.

**ZB:** Certo. Mas nos tempos antigos era quase impossível terminar um relacionamento, mesmo que ele não fosse satisfatório. O divórcio era difícil e as alternativas ao casamento praticamente inexistentes. Você sofria, mas continuava junto.

**PH:** E por que a liberdade de se separar seria pior que a obrigação de ficar junto e ser infeliz?

**ZB:** Você ganha alguma coisa, mas também perde alguma coisa. Você tem mais liberdade, mas sofre porque seu parceiro também tem mais liberdade. Isso leva a uma vida em que relacionamentos e parcerias se formam seguindo o modelo de compra a prestação. Quem pode deixar os laços para trás não precisa se esforçar para preservá-los. O ser humano só é considerado valioso na medida em que proporciona satisfação. Isso se baseia na crença de que laços duradouros atrapalham a busca da felicidade.

**PH:** E isso, como você diz em *Amor líquido*, seu livro sobre amizade e relacionamentos, está errado.<sup>1</sup>

**ZB:** É o problema do “amor líquido”. Em tempos turbulentos, você precisa de amigos e parceiros que não o decepcionem, que estejam disponíveis quando você precisar deles. O desejo de estabilidade é importante na vida. A avaliação do Facebook em 16 bilhões de dólares é baseada na necessidade de não se estar sozinho. Mas, ao mesmo tempo, tememos o compromisso de nos envolvermos com alguém e ficarmos presos. O medo é de perder alguma coisa. Você quer um porto seguro, mas, ao mesmo tempo, quer ter as mãos livres.

**PH:** Durante 61 anos você foi casado com Janina Lewinson, que morreu em 2009. Em suas memórias, *A Dream of Belonging* [Um sonho de

pertencimento],<sup>2</sup> ela escreve que, depois do primeiro encontro, você nunca mais saiu do lado dela. Você sempre dizia “Que feliz coincidência”, porque tinha de ir aonde ela queria! E quando ela lhe contou que estava grávida, você dançou na rua e a beijou — e estava vestido com o uniforme de capitão do Exército polonês, o que causou um certo rebuliço. Mesmo depois de décadas de casamento, Janina relata que você ainda lhe mandava cartas de amor. O que é o amor verdadeiro?

**ZB:** Quando vi Janina, soube imediatamente que não precisava procurar mais. Foi amor à primeira vista. Em nove dias, eu a pedi em casamento. O amor verdadeiro é aquela alegria indefinível mas avassaladora do “eu e você”, de estar presente um para o outro, tornar-se um, a alegria de fazer a diferença em algo que é importante não somente para você. Ser necessário, ou mesmo insubstituível, é uma sensação estimulante. É difícil de se conseguir. E é inatingível se você permanecer na solidão do egocêntrico, que só se interessa por si mesmo.

**PH:** O amor exige sacrifício, então.

**ZB:** Se a natureza do amor consiste na vontade de sempre estar ao lado do objeto de seu amor, de apoiá-lo, encorajá-lo e elogiá-lo, então o amante deve estar preparado para colocar o interesse próprio em segundo lugar, depois da pessoa amada — deve estar preparado para considerar sua própria felicidade uma questão secundária, um efeito colateral da felicidade do outro. Para usar as palavras do poeta grego Luciano, o amado é aquele a quem se “promete o próprio destino”. Ao contrário da sabedoria predominante, numa relação amorosa, altruísmo e egoísmo não são opostos irreconciliáveis. Eles se unem, se amalgamam e finalmente não podem mais ser distinguidos ou separados um do outro.

**PH:** A escritora americana Colette Dowling apelidou o medo da independência das mulheres de “complexo de Cinderela”. Ela chama o desejo de segurança, de afeição e de ser cuidada de uma “emoção perigosa”, e exorta as companheiras a não se privarem de sua liberdade. Em que você discorda dessa advertência?

**ZB:** Dowling alertou contra o impulso de cuidar dos outros e, assim, perder a possibilidade de entrar, sempre que se quiser, na última onda. É típico das utopias privadas dos cowboys e cowgirls da era do consumo exigirem para si um enorme grau de liberdade. Eles acham que o mundo gira em torno deles, e as performances que almejam são atos solo. Eles nunca se cansam disso.

**PH:** A Suíça em que cresci não era uma democracia. Até 1971, as mulheres — ou seja, metade da população — não tinham direito ao voto. O princípio de salário igual para trabalho igual ainda não foi implantado e as mulheres estão sub-representadas nos conselhos. Não há uma série de boas razões para as mulheres se libertarem de suas dependências?

**ZB:** Direitos iguais nessas áreas são importantes. Mas há dois movimentos dentro do feminismo que devem ser diferenciados. Um deles quer tornar as mulheres indistinguíveis dos homens. As mulheres devem servir ao Exército e ir para a guerra, e elas perguntam: por que não podemos matar a tiros outras pessoas quando os homens têm permissão para isso? O outro movimento quer tornar o mundo mais feminino. As forças militares, a política, tudo o que foi criado foi criado por homens para homens. Muito do que está errado hoje é resultado desse fato. Direitos iguais — claro. Mas as mulheres deveriam simplesmente buscar os valores que foram criados pelos homens?

**PH:** Numa democracia, não se trata de uma decisão que deve ser deixada para as próprias mulheres?

**ZB:** Bem, de qualquer modo, não espero que o mundo venha a ser muito melhor se as mulheres funcionarem da mesma forma que os homens faziam e fazem.

**PH:** Nos primeiros anos de seu casamento, você era um dono de casa *avant la lettre*. Você cozinhava e cuidava de duas filhas pequenas, enquanto sua esposa trabalhava num escritório. Isso era bastante incomum na Polônia daqueles dias, não era?

**ZB:** Não era tão incomum, embora a Polônia fosse um país conservador. Nesse aspecto, os comunistas eram revolucionários, pois consideravam homens e mulheres iguais como trabalhadores. A novidade na Polônia comunista era que um grande número de mulheres trabalhava em fábricas ou escritórios. Naquela época, você precisava de duas rendas para sustentar uma família.

**PH:** Isso levou a uma mudança na posição das mulheres e, portanto, a uma mudança nas relações entre os sexos.

**ZB:** Foi um fenômeno interessante. As mulheres tentavam se entender como agentes econômicos. Na antiga Polônia, o marido era o único provedor, responsável por toda a família. Porém, na verdade as mulheres davam uma enorme contribuição para a economia. A mulher cuidava de muita coisa, mas isso não contava e não se traduzia em valor econômico. Só para dar um exemplo, quando se abriu a primeira lavanderia na Polônia, possibilitando que outra pessoa lavasse a sua roupa, isso economizou uma enorme quantidade de tempo. Lembro que minha mãe passava dois dias por semana lavando, secando e passando a roupa para toda a família. Mas as mulheres

relutavam em fazer uso do novo serviço. Os jornalistas queriam saber por quê. Haviam dito às mulheres que ter outra pessoa lavando suas roupas era muito mais barato do que elas mesmas fazerem esse serviço. “Como assim?”, exclamaram elas, e apresentaram aos jornalistas um cálculo que mostrava que o custo total com sabão em pó, sabão e combustível para os fogões usados para aquecer a água era inferior ao de ter tudo lavado na lavanderia. Mas elas não incluíram seu trabalho no cálculo. Não lhes ocorreu a ideia de que seu trabalho também tinha um preço.

**PH:** Isso não foi diferente no Ocidente.

**ZB:** Demorou vários anos até que a sociedade se acostumasse ao fato de que o trabalho doméstico feito por mulheres também tinha uma etiqueta de preço. Mas quando as pessoas ficaram sabendo disso, logo restaram muito poucas famílias com donas de casa tradicionais.

**PH:** Em suas memórias, Janina conta que você cuidou de tudo quando ela adoeceu de febre puerperal após o nascimento de suas filhas gêmeas. Você se levantava à noite quando os bebês, Lydia e Irena, choravam, dava-lhes mamadeira; trocava as fraldas, lavava-as de manhã e pendurava para secar no quintal. Você levava Anna, sua filha mais velha, para a creche e a buscava depois. Esperava nas longas filas em frente às lojas para fazer compras. E tudo isso ao mesmo tempo que cumpria seus deveres de professor, supervisionava os alunos, redigia sua dissertação e participava de reuniões políticas. Como você conseguia fazer tudo isso?

**ZB:** Como era a norma na vida acadêmica daquela época, eu era mais ou menos capaz de dispor do meu tempo como queria. Eu ia para a universidade quando precisava, para dar um seminário ou uma aula. Afora isso, era um homem livre. Podia ficar na minha sala ou ir para casa, passear, dançar, fazer o que quisesse. Janina, em comparação,

trabalhava num escritório. Ela revisava roteiros; era tradutora e editora na estatal polonesa de cinema. Havia um relógio de ponto lá, e, portanto, era evidente que eu precisava estar presente para as crianças e as tarefas domésticas sempre que ela estivesse no escritório ou doente. Isso não gerava nenhuma tensão; era ponto pacífico.

**PH:** Janina e você cresceram em circunstâncias diferentes. Ela vinha de uma família rica de médicos; na sua família, o dinheiro sempre foi curto. E Janina provavelmente não estava preparada para ser dona de casa, para cozinhar, limpar, fazer todo o trabalho que na casa dos pais dela era feito por empregadas domésticas.

**ZB:** Eu cresci na cozinha. Cozinhar era um trabalho de rotina para mim. Janina cozinhava quando era necessário. Ela seguia as receitas, com um livro diante dela — terrivelmente chato. Por isso ela não gostava de cozinhar. Eu observava minha mãe fazer milagres no fogão todos os dias, criando alguma coisa do nada. Tínhamos pouco dinheiro e ela era capaz de criar uma refeição saborosa, mesmo com os piores ingredientes. Desse modo, adquiri naturalmente a habilidade de cozinhar. Não é um talento nem fui ensinado. Eu apenas observei como era feito.

**PH:** Janina disse que você é a “mãe judia”. Hoje você ainda adora cozinhar, embora não precise disso.

**ZB:** Eu adoro porque cozinhar é criativo. Percebi que aquilo que se faz na cozinha se parece muito com o que se faz no computador quando se escreve: cria-se alguma coisa. É um trabalho criativo: interessante, não enfadonho. Além do mais, um bom casal não é uma combinação de duas pessoas idênticas. Um bom casal é aquele em que os parceiros se complementam. O que falta a um deles, o outro possui. Foi o que

aconteceu comigo e Janina. Ela não gostava muito de cozinha; eu gostava — e assim nos complementamos.

## Experiência e lembrança

Destino: Como fazemos a história que nos faz

**Peter Haffner:** Em 1946, você entrou para o Partido dos Trabalhadores Poloneses (ppr), o partido comunista da Polônia, um ano antes de Leszek Kołakowski, o filósofo que deu aulas no All Souls College de Oxford e morreu em 2009. Em 1968, você deixou o partido, dois anos depois de Kołakowski ser expulso. Diferente de você, ele mais tarde se tornou um antimarxista declarado.

ZYGMUNT BAUMAN: Kołakowski e eu não coordenamos nossa adesão ao partido comunista. Não tínhamos notícia um do outro; ainda não tínhamos nos conhecido. Quando, em retrospecto, tentamos lembrar de nossos sentimentos na época, primeiro na Polônia, depois no exílio e, finalmente, após a queda do Muro de Berlim em 1989, concordamos num ponto: ambos acreditamos que o programa dos comunistas poloneses em 1944-5 era o único que nos dava alguma razão para ter esperança de que nosso país poderia escapar do atraso da era do pré-guerra e do cataclismo da guerra; que era o único programa que poderia resolver os problemas nacionais de degeneração moral, analfabetismo, pobreza e injustiça social. Os comunistas queriam dar terras a agricultores pobres, melhorar as condições de vida dos operários nas fábricas, nacionalizar a indústria. Queriam proporcionar educação universal — e essa promessa eles realmente cumpriram. Houve uma revolução na educação e, apesar de

todo o nepotismo econômico, a cultura floresceu: o cinema polonês, o teatro polonês e a literatura polonesa eram de primeira classe. Isso já não acontece na Polônia hoje. No meu livro *A arte da vida...*<sup>1</sup>

**PH:** Um livro maravilhoso, meu livro preferido...

**ZB:** ... nesse livro, elaboro a ideia de que a jornada da vida humana se baseia em dois fatores que interagem. Um é o destino. “Destino” é uma palavra curta para aquelas coisas sobre as quais não temos controle. E o outro fator são as opções realistas possibilitadas pelo destino. Uma garota de Nova York, nascida no Harlem, tem um destino diferente de uma garota nascida perto do Central Park. O conjunto de opções que elas possuem é diferente.

**PH:** Mas ambas têm esse conjunto, têm uma escolha. O que então determina quais possibilidades alguém tenta realizar?

**ZB:** O caráter. Não podemos escapar do conjunto de opções realistas que o destino nos apresenta, mas pessoas diferentes farão escolhas diferentes, e isso é uma questão de caráter. É por isso que há tantos motivos para pessimismo quanto para otimismo: pessimismo porque há limites insuperáveis para as possibilidades que se abrem para nós, que é o que chamamos de destino; e otimismo porque podemos trabalhar nosso caráter de uma forma que não podemos em nosso destino. Não tenho nenhuma responsabilidade pelo meu destino; ele é uma decisão de Deus, se você quiser. Mas sou responsável pelo meu caráter porque ele é algo que pode ser formado, purificado e aprimorado.

**PH:** Como é isso no seu caso?

*image  
not  
available*

fiz isso por três anos. Nunca tornei isso público porque havia assinado um documento em que me comprometia a guardar segredo.

**PH:** Qual era a sua tarefa, então?

**ZB:** Nada de especial: trabalho enfadonho de escritório. Eu estava na divisão de propaganda e agitação. Tinha de preparar material para a formação teórica e prática dos recrutas, redigir panfletos ideológicos. Felizmente, para mim, isso logo acabou.

**PH:** Um protocolo citado por Musiał diz do “informante Semion”, que era seu codinome: “A informação dele é valiosa. Pela origem semítica, ele não pode ser usado para trabalho operacional”. Sua tarefa era coletar informações sobre os inimigos do regime?

**ZB:** Era o que provavelmente esperavam de mim, mas não me lembro de ter fornecido nada dessa natureza. Eu ficava sentado num escritório escrevendo — o que não é bem o tipo de lugar onde você obtém essas informações. O que Musiał não diz é que, embora eu possa ter trabalhado por três anos para a inteligência militar, fui monitorado pelo serviço secreto por quinze anos. Fui espionado, redigiram-se relatórios a meu respeito, meu telefone e meu apartamento foram grampeados e tudo o mais. Por ser um crítico do regime, fui expulso do Exército, depois da universidade e, por fim, da Polônia.

**PH:** Depois dos levantes húngaros de 1956, você estava entre os rebeldes do partido. Janina conta que você e sua família foram perseguidos e maltratados. Para se casar com ela, você precisou da permissão de seu superior militar, o coronel Zdzisław Bibrowski. Como você, ele era comunista, mas aparentemente também não era leal à linha do partido.

*image  
not  
available*

condições — criamos conscientemente a história? Esse é o segredo da nossa existência.

**PH:** O que isso significa para o seu tipo de sociologia em particular?

**ZB:** Inspirei-me, em particular, no que Antonio Gramsci, o filósofo italiano marxista e fundador do Partido Comunista Italiano, fez com esse pensamento marxista. Adoto a forma de abordagem dele, que chamo de hermenêutica sociológica — que não deve ser confundida com a sociologia hermenêutica como escola dentro da sociologia. O que importa são as ideias que as pessoas aceitam, os princípios orientadores que seguem. Hermenêutica sociológica significa refletir sobre as condições, as circunstâncias e a constituição da sociedade. Somos uma espécie natural condenada a pensar, *Homo sapiens*; vivenciamos as coisas, não as sofremos apenas fisicamente. As experiências são informações e desinformações das quais tentamos extrair sentido, criar ideias e a partir das quais tentamos fazer planos. A hermenêutica profissional, ao contrário, deriva as ideias de hoje de ideias anteriores, interpreta-as com base em seu passado, descobre como elas se multiplicam, produzem descendentes, procriam à vontade. Mas, em minha opinião, não é assim que as coisas acontecem. Devemos passar das ideias ao corpo da sociedade e tentar encontrar a conexão entre as duas. Aí é que está o problema, o problema que nos divide em diferentes facções políticas, partidos, afiliações e lealdades: o simples fato de que uma mesma experiência pode ser interpretada de maneiras diferentes. A ideia de Gramsci era a de uma filosofia de ideias hegemônicas, geralmente chamada de senso comum. A filosofia da hegemonia não é filosofia no sentido da crítica filosófica. Não consiste em reflexões sobre Kant, Leibniz e figuras assim, mas no que os gregos chamam de doxa, o “considerar verdadeira” alguma coisa: crença, em oposição a conhecimento. Doxa

*image  
not  
available*

meus interesses acadêmicos ao longo da vida: fontes do mal, desigualdade social e seu impacto, raízes e ferramentas de injustiça, virtudes e vícios de modos alternativos de vida, chances e limites do controle humano sobre sua história. Mas ‘fazer sentido’ é prova suficiente de isso ser verdade? Em seu último romance, *Ostatnie Rozdanie* [O toque final] — um livro que, além de ser uma história fascinante contada numa prosa requintada, é também uma longa meditação sobre as armadilhas e emboscadas, provações e tribulações que não podem deixar de estar à espera de pessoas atrevidas e insolentes o suficiente para ousar uma reconstrução e narrativa ordenada, abrangente e convincente de seus itinerários de vida —, o formidável escritor polonês Wiesław Myśliwski escreve:

Eu vivia a esmo. Sem qualquer sensação de fazer parte da ordem das coisas. Viviam em fragmentos, pedaços, restos, no momento, ao acaso, de incidente em incidente, como que empurrado por fluxos e refluxos. Muitas vezes, tinha a impressão de que alguém havia rasgado a maioria das páginas do livro da minha vida, porque estavam vazias ou porque não pertenciam a mim, mas à vida de outra pessoa.<sup>7</sup>

“Mas ele pergunta: ‘Alguém dirá: e a memória? Não é uma guardiã de nós mesmos? Não nos dá a sensação de sermos nós, não outra pessoa? Ela não nos torna inteiros, não nos marca?’. E responde: ‘Bem, eu não aconselharia confiar na memória, uma vez que a memória está à mercê de nossa imaginação e, como tal, não pode ser uma fonte confiável da verdade sobre nós’. Humildemente, eu aceito isso.

“Martin Jay opinou certa vez que a liquidez de minhas próprias experiências de vida influenciou minhas interpretações da modernidade líquida. Tendo sido na minha história de vida um pássaro, em vez de ornitólogo (e os pássaros não são conhecidos por serem particularmente preeminentes nos anais da ornitologia), eu

*image  
not  
available*

a desumanidade, provavelmente teria me tornado físico. Mas a experiência de ruas bombardeadas cheias de refugiados, das tentativas desesperadas de escapar do avanço das tropas nazistas, da miséria do exílio, que acabou sendo também um milagre que salvou minha vida, me transformou num vagabundo e despertou meu interesse pelas múltiplas e diversas formas de vida humana. Meu interesse por física e astronomia, no entanto, nunca me abandonou.

**PH:** O que você lia quando criança?

**ZB:** No início, os livros típicos que os meninos leem: tudo de James Fenimore Cooper, Jack London, Zane Gray, Karl May, Júlio Verne, Robert Louis Stevenson, Alexandre Dumas e, dos autores poloneses, Kornel Makuszyński. Mais tarde, todos ou quase todos os clássicos poloneses, prosa e poesia: Adam Mickiewicz, Bolesław Prus, Henryk Sienkiewicz, Stefan Żeromski, Eliza Orzeszkowa, Julius Słowacki e outros. Mas, dois ou três anos antes de fugirmos de Poznań, me despedi da literatura infantil. Os livros de Victor Hugo, Charles Dickens e Liev Tolstói, para citar apenas os autores mais importantes, tornaram-se minha nova dieta.

**PH:** Seus pais liam para você quando você era pequeno?

**ZB:** Meu pai lia para mim antes de eu ir para a cama. Não importava o quão cansado ele estivesse quando voltava do trabalho às oito horas da noite, nunca ia dormir sem ler um capítulo para mim. Assim, ele me contagiou com seu respeito e paixão pela palavra impressa. Limitando-me apenas aos autores cujos livros posso definitivamente lembrar de ele ler para mim: Júlio Verne, Christian Andersen, Selma Lagerlöf e Sven Hedin. Sven Hedin, o importante explorador sueco, é

*image  
not  
available*

pensando no que acabara de ler —, logo faliu. Ele ficou desempregado por algum tempo, e até tentou suicídio. Então, conseguiu um emprego de contador numa das grandes lojas de Poznań. Continuou a ser contador durante os anos em que vivemos na União Soviética, bem como depois que voltamos à Polônia em 1946 e no kibutz em Israel, para onde emigrou após a morte de minha mãe.

**PH:** Seu pai emigrou durante o “degelo” político que começou depois que Khruschóv, na vigésima conferência do pcus [Partido Comunista da União Soviética], denunciou os crimes de Stálin, pondo fim ao culto à personalidade do ditador. Os judeus na Polônia, alguns dos quais ocuparam cargos no Partido Comunista e no Ministério da Segurança Pública, a infame polícia secreta, eram odiados mais do que nunca. Uma nova onda de antissemitismo levou o líder do partido polonês Władysław Gomułka a abrir a porta para a emigração de judeus poloneses para Israel. Seu pai já estava perto dos setenta anos nessa época, e sua mãe acabara de morrer. Mas seu pai aproveitou a oportunidade e solicitou um passaporte. Ele o recebeu em fevereiro de 1957 e emigrou. Sua mãe também queria ir para a Palestina? Ela compartilhava do sionismo de seu pai, que queria morrer na terra de seus antepassados?

**ZB:** Na casa de meus pais, a atmosfera era tudo, menos sionista. Minha mãe se sentia e se considerava inteiramente polonesa. A ideia de ceder aos sonhos de meu pai de emigrar para Israel nunca teria ocorrido a ela. Ele precisou esperar até que ela estivesse morta. Então pegou o primeiro navio disponível. Minha irmã Teofila, que emigrou muito antes dele, era uma adolescente inconstante e totalmente apolítica quando se mudou para a Palestina. Enquanto ainda estava em Poznań, ela teria achado muito difícil explicar o que é sionismo. Isso é uma prova da atitude incrivelmente liberal de nosso pai: ele queria que fôssemos honestos e felizes, não importava o que

*image  
not  
available*

nacionalismo alemão. Então Auschwitz ainda seria possível hoje? E em caso afirmativo, em que circunstâncias?

**ZB:** A era moderna não é uma era genocida. Ela apenas possibilitou formas modernas de tornar o genocídio possível, por meio de inovações como tecnologia fabril e burocracia, mas em particular por meio da ideia moderna de mudar o mundo, até mesmo de virá-lo de cabeça para baixo — a ideia de que não precisamos mais aceitar o pensamento de que, como acreditavam os europeus medievais, estamos proibidos de interferir na criação de Deus, mesmo que não gostemos de alguma coisa nela. No passado, tínhamos simplesmente de suportar as coisas.

**PH:** Podemos refazer o mundo como desejarmos.

**ZB:** Essa é exatamente a razão pela qual a era moderna foi também uma era de destruição. O esforço para melhorar e aperfeiçoar exigia o extermínio de incontáveis pessoas cuja adaptação ao desejado esquema perfeito das coisas era considerada improvável. A destruição era a própria essência do novo, e a aniquilação de todas as imperfeições a condição para alcançar a perfeição. Os projetos dos nazistas e dos comunistas foram os exemplos mais evidentes desse fenômeno. Ambos procuraram erradicar, de uma vez por todas, quaisquer elementos desregulados, aleatórios ou indisciplinados da condição humana.

**PH:** Foi a morte de Deus que abriu a porta para isso? Apesar do fato de que, em épocas mais antigas, como a das Cruzadas, o assassinato era cometido em nome de Deus.

**ZB:** A ambição da era moderna é pôr o mundo sob nossa própria administração. Agora, estamos no comando — não a natureza, não

*image  
not  
available*

todo lugar. Mas sim, claro que adoro a culinária polonesa. Adoro em particular *bigos* e *pirogi* — o ravióli polonês. E há algo que é muito popular na Polônia, mas que não se conseguia encontrar na Inglaterra até recentemente, até que a onda de imigração da Polônia começou: arenque. Não era conhecido aqui. Mas agora se pode comprar arenque. [*Bauman aponta para uma tigela contendo croissants e outros doces.*] Mas você ainda não experimentou esses artigos da culinária francesa! Por favor, sirva-se. Eles foram feitos especialmente para você!

**PH:** Muito obrigado!

**ZB:** E por que você não experimenta esses morangos maravilhosos? Não há desculpa para isso!

**PH:** Você sempre serve tanta comida que não sei por onde começar! E depois, acho difícil comer enquanto me concentro na conversa, ainda mais pela seriedade dos assuntos. Onde estávamos? Ah, sim: Karl Marx, o fundador do chamado socialismo científico, era judeu. Você também ficou desapontado com a maneira como foi tratado porque pensava que o socialismo poderia ter acabado com a compartimentalização étnica e o antissemitismo? Você acreditava que uma sociedade socialista seria uma sociedade igualitária, em que a etnia, a raça ou o idioma de uma pessoa não teriam importância?

**ZB:** Vários autores explicaram o número relativamente alto de judeus nos movimentos comunistas e socialistas dizendo que pertencer a esses grupos permitia aos judeus superar a ambivalência em relação à sua identidade. O Partido Comunista não estava interessado na origem étnica dos membros em potencial, mas na conformidade, lealdade e obediência. Pertencer a uma etnia era irrelevante. No exato momento em que entrava no partido, você se desfazia de sua origem

*image  
not  
available*

**PH:** Ele aborda a questão do sionismo, entre outras coisas.

**ZB:** Esse livro expressa minha opinião sobre o assunto. O sionismo foi, sem dúvida, um produto do nacionalismo europeu. Theodor Herzl, o fundador do sionismo, tinha um slogan: “Uma terra sem povo para um povo sem terra”. Esse é o slogan em que se baseia toda a era do imperialismo europeu. As colônias eram consideradas terras de ninguém. Os senhores coloniais ignoraram o fato de que já havia gente lá. Para eles, essas pessoas eram selvagens vivendo em condições primitivas, em cavernas e florestas, longe da civilização. Eles eram pobres e impotentes, podiam ser negligenciados e não eram considerados um problema. O mesmo aconteceu com Israel e o sionismo. Acho que é o último resquício da era imperialista da história europeia. Bem, talvez não seja o último — há outros —, mas é com certeza o mais espetacular. E é por isso que o sionismo nada mais é que uma variação do imperialismo europeu. Mas posso entender Herzl. Era uma ideia de sua época: somos um povo civilizado e vamos levar a civilização a esse país de selvagens.

*image  
not  
available*

**PH:** Você também deve ter muitos e-mails para responder.

**ZB:** É verdade, mas a maioria deles eu apago sem ler — muito spam. Não posso reclamar da falta de interesse pelo meu trabalho. Em minha vida, tive muitas oportunidades de fazer coisas, mais do que uma pessoa normal.

**PH:** George Orwell, um escritor que você admira, fez a si mesmo uma pergunta que, na verdade, nunca se deveria fazer a um autor. Em nome dele, tomo a liberdade de fazê-la a você: por que você escreve?

**ZB:** George Orwell era um mestre malabarista das palavras e, ao mesmo tempo, um juiz muito rigoroso dos efeitos desse malabarismo. Ele era um esteta requintado, e sua obra proporciona um padrão que serve como medida para julgar qualquer escrito. Orwell diz que, quando tinha dezesseis anos, descobriu de repente a “alegria das meras palavras”, do “som e associação das palavras”. Ele queria escrever, diz no ensaio “Por que escrevo”, “imensas novelas realistas com finais infelizes, cheias de descrições detalhadas e sorrisos irresistíveis, e também de passagens muito floreadas, nas quais as palavras fossem em parte usadas apenas por seu efeito sonoro”.<sup>1</sup> Cheguei à escrita vindo do polo oposto. Havia coisas que eu queria compartilhar com outras pessoas, e as palavras não eram mais do que servas desse propósito. Depois de colocadas no papel, não me importava mais com elas. O meu primeiro artigo, que enviei ao suplemento juvenil do jornal diário *Nasz Przegląd* quando tinha onze anos e que foi publicado, dizia respeito ao linguista francês Jean-François Champollion. Eu acabara de ler alguma coisa sobre ele e estava profundamente impressionado com o fato de que, depois de muitas tentativas fracassadas, ele conseguira decifrar os hieróglifos egípcios, textos que por milhares de anos haviam permanecido

*image  
not  
available*

que estou com um pé na cova, o mundo não está melhor. Portanto, o trabalho de toda a minha vida não levou a lugar nenhum.

**PH:** Você acha que o mundo ficou pior ou simplesmente diferente?

**ZB:** Essa é uma questão muito importante e difícil de responder. O que me preocupa é como transformar palavras em ações. Essa é minha obsessão agora. Sou um velho, um homem de uma época diferente. Eu escrevo, dou palestras, viajo pelo mundo, mas meu destino é o de Norbert Elias, o autor de *O processo civilizador*.<sup>5</sup> Ele trabalhou com Karl Mannheim e foi aluno pessoal de Sigmund Freud. Escrevia como Freud, no mesmo estilo que aprendera quando estudante. E o que ele é hoje? Uma curiosidade, a relíquia de uma época passada. Temo estar sendo percebido da mesma maneira.

**PH:** Eu acho que não. Ao contrário, os jovens que não aceitam que vivemos no melhor dos mundos possíveis citam a sua obra: os adversários da globalização, membros do movimento Occupy, quem quer que rejeite o statu quo do capitalismo financeiro turbinado, de cassino.

**ZB:** Eu não pertencço aos tempos atuais. Norbert Elias não tentou escrever sobre sua própria época. Ele parou na Segunda Guerra Mundial. Mas estou tentando entender e investigar uma geração a que não pertencço. Eu quero saber como os membros dessa geração se sentem, o que eles fazem. Se estou fazendo isso da maneira certa, não cabe a mim julgar.

**PH:** Seu tipo de sociologia terá seus seguidores, estudiosos que foram inspirados por sua maneira de pensar, seus métodos de explorar o que muitos sentem, mas não conseguem formular.

*image  
not  
available*

Qualquer ensaio curto dele apresenta uma quantidade intimidante de conhecimento numa combinação idiossincrática.

**PH:** Como no seu caso.

**ZB:** Não. Comparado a pessoas como Lem ou Eco, sou muito superficial. Não tenho grandes expectativas. Eu gostaria de acreditar que o que escrevi e pensei causou algum efeito.

**PH:** Você ainda pesquisa, mas não dá mais aula. Você sente falta?

**ZB:** Os alunos me mantinham alerta. Eles estavam ansiosos por aprender, contradiziam-me e incentivavam-me. Eles faziam uma pergunta; eu dava uma explicação e eles ficavam satisfeitos. Mas enquanto dava a explicação, eu reconhecia que não havia entendido o problema sozinho. A interação com os alunos era parte essencial do meu trabalho. Sem ela, eu não teria sido capaz de formular algo com clareza, de articular um problema. Agora não tenho mais alunos regulares, mas continuo desafiado e me vejo em situações em que posso enxergar os limites do meu entendimento. Aleksandra, minha segunda esposa, é muito crítica, e isso ajuda. Ela é professora da Universidade de Varsóvia, uma ótima socióloga. Substitui uma legião de estudantes.

**PH:** Você costumava viajar muito e ainda viaja hoje. Você tem contatos em todo o mundo, na Rússia, China, Alemanha, França. Viajar é importante para você?

**ZB:** Minhas viagens frequentes podem ter algo a ver com a maneira como meus pensamentos são pensados — isto é, no decorrer da conversa. Como não tenho mais alunos regulares com quem me estimular, dou palestras como convidado que me permitem aprender, receber feedback explícito ou tácito e ver se minhas ideias ainda

*image  
not  
available*

os meios apropriados para seus fins e supõe que os outros também são racionais. Mas não é o caso, e esse é o grande erro que ele comete, pois o poder dos habitantes do castelo consiste precisamente no fato de que eles se comportam de forma irracional. Se se comportassem racionalmente, seria possível negociar com eles, talvez convencê-los ou lutar contra eles e vencer. Mas se são seres irracionais, se seu poder se baseia em sua irracionalidade, isso é impossível.

**PH:** O agrimensor K. não consegue nem chegar perto do castelo: o caminho não está onde deveria estar; a linha telefônica não funciona. Os senhores do castelo são como Deus, o Todo-Poderoso, cujos julgamentos são insondáveis, como diz a Bíblia.<sup>2</sup>

**ZB:** No que considero sua obra mais importante, *Teologia política*, Carl Schmitt, o filósofo político e jurista nazista, refletiu sobre o que significa ser um soberano. Sua ideia era ousada: o soberano é um Deus secular. Como Deus, ele toma decisões que não precisa explicar nem justificar. Ele não deve nada a ninguém. Ele não discute, decide. Não posso provar, mas acho que Carl Schmitt se inspirou em Kafka. Kafka disse algo semelhante, embora com menos palavras.<sup>3</sup>

**PH:** Theodor W. Adorno considerava Kafka um visionário que, em *O castelo* e *O processo*, antecipou de forma literária o terror dos nazistas e a hierarquia e as estruturas de poder do totalitarismo em geral.

**ZB:** Você leu a Bíblia?

**PH:** Grandes partes dela.

**ZB:** Muitas pessoas não leram. Você se lembra do Livro de Jó? Nele, em uma de Suas raras conversas com um ser humano, Deus diz muito claramente: “Vou fazer-lhe perguntas, e você me responderá”. Deus se

*image  
not  
available*

vão às compras com os pais, num mundo repleto de mercadorias interessantes, excitantes e sedutoras. As coisas são compradas e guardadas até que a pessoa se canse delas e as jogue fora.

**PH:** O mercado inclui não apenas commodities, mas também consumidores. Como você diz, eles também estão se tornando mercadorias, o que nos traz de volta à questão da identidade.

**ZB:** A cultura do consumismo se caracteriza por uma pressão para ser outra pessoa, para adquirir características para as quais existe demanda no mercado. Hoje você precisa se preocupar com seu marketing, se conceber como mercadoria, como produto que pode atrair uma clientela. Membros de pleno direito da sociedade consumista são os próprios bens de consumo. Paradoxalmente, no entanto, essa compulsão de imitar qualquer estilo de vida que está sendo apontado como desejável pelos marqueteiros e, portanto, a compulsão de revisar a própria identidade, não é percebida como uma pressão externa, mas como uma manifestação de liberdade pessoal.

**PH:** Muitos adolescentes de hoje não têm ideias concretas sobre que carreira seguir, a não ser o objetivo de se tornarem famosos com a ajuda de postagens no YouTube ou por qualquer outro meio. O que isso significa?

**ZB:** Para eles, ser famoso significa aparecer nas primeiras páginas de milhares de jornais ou em milhões de telas, ser objeto de conversa, ser percebido e estar em demanda, assim como as bolsas, sapatos e enghocas das revistas brilhantes que eles, por sua vez, desejam. Transformar-se numa mercadoria desejável e comercializável aumenta as chances de alguém na competição pela parte do leão de atenção, fama e riqueza. É disso que são feitos os sonhos e os contos de fadas atuais.

*image  
not  
available*

extensão em que a sociedade é privatizada e individualizada, somos todos indivíduos por decreto. Não podemos abandonar os deveres do indivíduo; eles são exigidos de nós. Por um lado, isso é uma bênção. Somos capazes de servir a nós mesmos, de determinar por nós mesmos quem devemos ser. Mas, por outro lado, estamos sempre frustrados. Sentimos constantemente que somos insuficientes. Essa perda torna o indivíduo um órfão.

**PH:** Como era quando você era jovem?

**ZB:** Quando eu era jovem, o pesadelo era ser um não conformista. O objetivo era não desviar. Hoje, o pesadelo é não estar à altura da tarefa. Em toda a Europa, as pessoas estão cansadas, e novos movimentos políticos, aparentemente surgidos do nada, estão fazendo grandes promessas. Algo semelhante aconteceu nos anos 1970, quando as pessoas sonhavam que um homem forte viria e resolveria todos os problemas que se mostravam tão impossíveis. Os candidatos que aspiravam a essa função ofereciam um programa simples: “Confie em mim, me dê poder e farei o que for preciso”. Esse tipo de político se declara onisciente e todo-poderoso, como aconteceu com Donald Trump nos Estados Unidos.

**PH:** É a busca de um pai que conserta tudo, que te pega pela mão e te conduz com segurança pela floresta escura.

**ZB:** Deixe-me contar dois casos fictícios sobre esse tema. O primeiro é do romance *Pavilhão de cancerosos* de Aleksandr Soljenítsin.<sup>6</sup> Há um personagem interessante nesse livro: um dignitário comunista que vive no pavilhão de vítimas de câncer esperando por uma operação difícil que pode muito bem matá-lo. Mas ele está feliz. É a única pessoa na enfermaria que nunca reclama. Todas as manhãs, recebe a última edição do *Pravda*, o jornal do Partido Comunista. Ele o lê e

*image  
not  
available*

incerta e sem fim. Nada é feito de uma vez por todas; as estruturas não são ossificadas, petrificadas, imutáveis. E é exatamente assim que tento descrever a realidade, as realidades sociais e a dinâmica das realidades sociais. No centro da minha pesquisa está a cultura como um processo dinâmico que nunca está completo.

**PH:** Era assim também que Gramsci via. Isso é uma coisa que ele compartilha com Lévi-Strauss.

**ZB:** Bem, a Kafka, Freud e Simmel eu acrescentaria Antonio Gramsci e Claude Lévi-Strauss. Mas há toda uma gama de não acadêmicos, não cientistas, a quem devo muito — escritores, romancistas, acima de tudo. Milan Kundera diz que o romance é a conquista mais importante da civilização moderna. A invenção do romance acontece através da unificação da biografia e da história. A biografia e a história são parcialmente autônomas porque cada uma delas é governada por seu próprio padrão lógico, mas ao mesmo tempo uma não pode existir sem a outra. A sociologia não deve negligenciar nenhuma delas. Se fizermos isso — Deus nos livre — obteremos uma sociologia da *Erfahrung* ou uma psicologia da *Erlebnis*. Todo o objetivo da sociologia é unir as duas, a fim de demonstrar sua interação e dinâmica.

**PH:** Você é politicamente ativo, embora não no sentido estrito da palavra. Como cientista social, você não se contenta em fazer uma análise da sociedade. Você quer mostrar que há alternativas. Isso, para você, é o ponto principal da sociologia.

**ZB:** Você está certo a esse respeito. Veja, eu vivi por um tempo indesculpavelmente longo. Isso significa que experimentei uma série de tendências diferentes na sociologia. Quando comecei nesse campo, o sociólogo americano Talcott Parsons era o ditador que determinava

*image  
not  
available*

sem Ford, não tinham meios. Mas Ford era igualmente dependente deles. A fábrica não podia funcionar sem os trabalhadores. Eles o tornaram rico e poderoso. Mesmo que nenhum dos lados falasse sobre isso, articulasse seus sentimentos, eles sabiam exatamente que estavam condenados a uma vida em conjunto — uma vida muito longa. Sabiam que se veriam de novo amanhã, no mês seguinte, nos próximos vinte anos. Quando começava como aprendiz na Fiat ou na Peugeot, o jovem podia ter certeza de que se aposentaria na mesma empresa dentro de quarenta ou cinquenta anos, talvez com um relógio de ouro em agradecimento por suas décadas de serviço fiel.

**PH:** Hoje, trabalhadores ou empregados não podem mais esperar isso.

**ZB:** Todos devem contar com a possibilidade de que uma grande empresa engula sua pequena empresa, ou que seus patrões, por qualquer motivo, mudem seu capital para outro país, algum lugar onde os trabalhadores fiquem felizes em aceitar dois dólares por dia e nunca entrem em greve. O contrato não escrito entre capitalista e trabalhador foi rompido — de um lado. Os patrões podem ir aonde quiserem e fazer o que quiserem, enquanto os operários e empregados ainda estão vinculados a um local. Eles são *adscripti glebae*, como os servos eram chamados na Idade Média: amarrados à terra.

**PH:** Mas também há trabalhadores que emigram, “refugiados econômicos”.

**ZB:** Sim, eles podem emigrar, mas a que preço? Precisam pagar somas exorbitantes aos traficantes de pessoas, embarcar numa viagem arriscada através do Mediterrâneo; depois são parados na fronteira, enfiados em assentamentos ou mandados de volta para casa. Os pobres que procuram emprego, dinheiro e melhores escolas para seus filhos ainda dependem dos patrões que compram o trabalho deles,

*image  
not  
available*

**ZB:** A política é impotente. As decisões tomadas por políticos, pelo povo de Zurique, Budapeste ou Estocolmo, só são válidas dentro de suas áreas locais de autoridade. Essas são, na verdade, as mesmas comunidades locais de quatrocentos anos atrás. O poder está globalizado, mas a política é tão local quanto sempre foi. As pessoas que decidem o seu futuro e o de seus filhos nem moram no mesmo país que você. Os poderes que exercem maior influência sobre as condições de vida humana e as perspectivas para o futuro operam globalmente. Eles agem no que chamei antes de “espaço de fluxos”; ignoram deliberadamente as fronteiras, as leis e os interesses de entidades políticas. A política, ao contrário, permanece dentro do “espaço dos lugares”. Enquanto a política continua a perder poder, esses poderes continuam a se emancipar das limitações e dos controles políticos. Ninguém pode tocá-los. E nada vai mudar a esse respeito no futuro próximo. Estamos presos nessa situação em que precisamos de todos os nossos recursos privados para lidar com problemas que não fomos nós que criamos. Somos uma sociedade de indivíduos que devem tomar suas próprias decisões e assumir a responsabilidade pelas consequências.

**PH:** Era mais simples nos tempos antigos?

**ZB:** Cresci durante um período da história europeia em que as pessoas se dividiam em campos políticos: esquerda e direita, liberais e conservadores, comunistas e nazistas. Mas em um ponto todos estavam de acordo: eles sabiam que existia um Estado que tinha poder, praticava a política e tinha as ferramentas e os recursos necessários para tomar medidas eficazes. O único problema era, portanto, como aproveitar o poder do Estado para fazer as mudanças que se queria ver. As pessoas que sofreram as consequências da crise econômica global dos anos 1920 e 1930 tinham um plano. Com ou